



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Resurreição de uma creança* (*Samuel Hahnemann*), (conclusão), por Ernesto Legouvê;—*Mendes Leal*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Comedia do Amor*, por Eugenio de Castro;—*Elegia do amor*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O padre Carlos*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O crime da rua Montaigne, em Paris: O advogado do supposto assassino*;—*Maria Regnaud*;—*As tres victimas, depois de degollada*;—*Pranzini*;—*A Planta da casa onde se commetteu o crime*.

CHRONICA

Ora tu, leitor amigo, tens uma noção falsissima do que seja um chronista. Aposto dobrado contra singelo que tens.

Segundo o que tu imaginas, o misero chronista é forçado a ver tudo quanto não viste, a entrar em todos os locaes onde não entraste, a farejar escandalos, a espreitar á porta das antecamaras dos ministros, dos camarins das actrizes, dos *boudoirs* das mulheres galantes, com o ouvido collado aos reposteiros, como um familiar do Santo Officio ou um esbirro do Conselho dos X.

E por cima de tudo isto, ha de ter ainda o dom da obiquidade, semelhantemente ao milagreiro Santo Antonio de Padua, que prégava n'um ponto e salvava ao mesmo tempo o pae da força, n'um outro ponto muito affastado do pulpito, quando a viação accelerada estava ainda na massa dos impossiveis...

Porque tu, não és de meias medidas em materia de

exigencias. Hão de pôr-te tudo para ali em pratos limpos; hão-de narrar-te por força todos os successos, se não disparatas, berras, enfureces-te, n'um despropósito de burguez sanguineo.

Se á hora do almoço não te servem, com a costelle-



DEMANGE

ta polvilhada de salsa, um aperitivo de noticias palpitantes, atiras para a nuca o teu gorro de borla, bordado a *soutache*, e desentranhas-te na mais furiosa objurgatoria contra a letra redonda, que não soube dar-te o gozo intenso de fortes sensações inusitadas.

Pois, meu caro amigo, tem paciência. O chronista não é um serviçal assalariado, a quem se paga jorna para nos contar o que vae por esse mundo do Senhor; é, fica-o sabendo, um sujeito amavel, que se compraz em cavaquear comosco de tempos a tempos, transmitindo-nos as suas impressões; é um *blagueur*, um bohemio, um livre pensador e um liberrimo cidadão, sem obrigações definidas, podendo chorar e rir quando queira, podendo dizer bem ou mal do proximo, quando qualquer das coisas lhe appetça.

Se imaginas que elle ha de ir por força a toda a parte e dar-te conta circumstanciada de tudo quanto vê e ouve, enganas-te redondamente. Para desempenhar junto de ti essa missão complexa, lá tens, por baixo e vil preço, o *Diario de Noticias*.

Bem me parecia a mim que tu tinhas sobre este assumpto uma noção falsissima!

Pois amigo, perde de uma vez para sempre essas doces illusões; perde-as.

Chegou o Coquelin? Pois que lhe faça muito bom proveito. Tambem a Primavera chegou ha muito, incomparavelmente mais bonita e mais fresca que o velho actor francez, e eu quasi que nem dei ainda por ella. Tenho tido outras coisas em que pensar!

Inauguraram-se em S. Carlos os concertos da Associação musica 24 de junho? Parece que sim, a darmos credito ao que dizem as gazetas. Porque nós, nem vimos o Coquelin, nem ouvimos os concertistas; a verdade é esta, o que não impede que façamos uma idéa aproximada do que seja o Coquelin e do que valha o maestro allemão Rundorph—um bom nome onomatopaico d'official russo, se em vez de ph, lhe pozessem no fim dois ff.

Coquelin não passa d'um bello edificio profundamente arruinado, com as paredes fendidas d'alto a baixo e uma demão de cal na frontaria, dissimulando os estragos do interior. Nem do estrangeiro, e sobre tudo de França, exportam outra coisa, em materia d'arte dramatica e d'arte lyrica, para estas excursões bohémias pela Europa e Americas, seis dias aqui, oito dias acolá.

Os francezes, uns innovadores, uns evolucionistas, inimigos irreconciliaveis de tudo quanto é velho, decadente, gasto, em se apercebendo de que os seus astros começam a declinar, a declinar a olhos vistos, crivam-os de epigrammas, esmagam-os pela troça *boulevardière*, achatam-os com a arma do ridiculo, brandida pelos *reporters* impiedosos do *Gil-Blas* e do *Figaro*.

E quando os sentem bem esmagados, bem achatados, bem triturados, incapazes de brilhar n'aquelle meio onde todos os dias se põem em evidencia novos fulgores, novas scintillações claras e vivas, manda-os correr mundo, de camaradagem com meia duzia de insignificantes terciarios, muito terciarios, mesmo.

A's vezes, os miseros nem mesmo fóra dos dominios da grande Paris, passeiando a decrepitude e a decadencia longe dos seus penates, conseguem escapar á troça flagelladora dos compatriotas inhumanos.

Veja-se o que succede a Sarah Bernhardt, a outr'ora famosa Dona Sol, cantada por todos os bardos da França.

Sarah acha-se actualmente em New-York. Pois os parisienses, apesar da distancia incommensuravel que os separa d'ella, não a poupam a epigrammas como este, vibrado por um chronista do *Gaulois*:

«Um *reporter* do *Herald*, de New-York obteve ha dias uma entrevista de madame Sarah Bernhardt.

Perguntou-lhe elle se em França se tinham preoccupado muito com o incidente de Cannes.

—Preoccuparam-se, e com razão, respondeu a actriz. E' um magnifico assumpto para um drama. Eu desejava representar o papel do duque de Edimburgo; havia de

ser ao mesmo tempo tragica e ingleza. Já escrevi a Sardou sobre isto, e dei-lhe um titulo para a peça:—O *canhão recalitrante!* Soberbo, não acha?

—Conhece a rainha de Inglaterra?

—Não conheço. Nunca me foi apresentada. De resto, não me agrada travar relações com toda a gente.

—E a respeito dos boatos de guerra que trazem agitada a Europa, o que sabe?

—Fui informada do que occorria, por um telegramma de Bismarck, e respondi-lhe, tambem pelo telegrapho, estas simples palavras: Chego no mez proximo; não resolva nada antes de fallar commigo.»

No genero troça, hão de concordar que é de primeira agua.

Pois o Coquelin, o famoso Coquelin que acaba de visitar-nos, com a sua bagagem de loiros conquistados em tempos prehistoricos, tambem não escapou á troça dos parisienses, e teve de fazer as malas para uma excursão pelo estrangeiro—a excursão do estylo, a excursão *in extremis*. Bem vlndo seja, mas não se demore por cá muito. Já por ahi dizem uns patriotas puritanos que o Augusto Rosa o excede no *Parisien* de Gondinet. Amanha serão capazes de o cerrar...

Desconfia do nosso indigena, ó Coquelin amigo, e vai-te embora. Olha que elle não sabe francez. Olha que elle, além de te achar velho, acha-te muito caro...

Já tivemos a franqueza de confessar que não fóramos ao primeiro concerto de S. Carlos. E não veja o sr. Rundorph n'esta nossa falta uma desconsideração á sua batuta, que nos affirmam ser prodigiosa.

E' que nós temos, sobre o theatro de S. Carlos, um criterio muito especial, muito nosso:—não o queremos senão para ouvir ali cantar, e no inverno, quando a temperatura morna da sala nos acaricia suavemente a epiderme, e cá fóra, no largo, onde se enfileiram as carruagens n'uma immobilidade sinistra, a chuva miudinha cae a espaços, pondo aljofres luminosos nos candieiros da illuminação municipal.

Depois, o ir lá, agora, faz-nos saudades, evoca no nosso espirito a recordação d'umas bellas noites que passaram, e que só voltarão d'aqui a mezes, quando a Theodorini tornar a deslumbrar-nos com o prestigio do seu grande talento.

Lembras-te, leitora, d'aquellas formosissimas *soirées*, lembras-te? Nem todos os Rundorphs do mundo seriam capazes de nos dar um reflexo das impressões que então sentiste, que eu senti contigo, embriagado pelo mesmo philtro estonteador... Tão bom, tão bom!...

E pelas razões que ahi ficam expostas, a Chronica não foi a S. Carlos ouvir musica classica, acreditando, comtudo, que essa musica devia ter tido uma execução primorosa.

E por varias razões d'uma outra ordem, que não está disposta a confessar, andou tambem fugida dos concertos da Materna, fuga em que, segundo consta, houve por bem acompanhá-la toda a população da capital.

Ora, tendo a Chronica podido esquivar-se ao Coquelin e á tentação da musica, é claro que nem por sombras pensou na semsaboria dos toiros e que fugiu a sete pés de meditar sobre as propostas do sr. Marianno de Carvalho.

Seria uma affronta feita ao Coquelin, ao Rundorph e á Materna, affronta que esta ultima, apesar do seu appellido, lhe não perdoaria nunca.

Mas afinal, o que fez o chronista durante a semana inteira? perguntarás tu, mordida pela curiosidade.

O que fez? pois não t'o digo: Adivinha...

RESURREIÇÃO DE UMA CRENÇA

—
Samuel Hahnemann

A maneira como Hahnemann concebeu a sua doutrina, pinta-o em um só traço. Seria da sua parte calculo, interesse? desejo de tornar-se célebre? concepção puramente scientifica?

Nada d'isso.

Foi do seu coração que saiu o seu systema.

Médico de primeira ordem, exercendo uma das mais ricas clientelas da Allemanha, Hahnemann consultou um dia um dos seus collegas, a proposito de uma creança doente.

O caso era grave, os remedios prescriptos foram energicos, violentos, dolorosos: ventosas, causticos, sangrias. De repente, em seguida a uma noite de soffrimento da pobre creança, Hahnemann, transido de piedade e de horror, exclamou:

Não! não é possível! Não! Deus não creou estes queridos pequeninos antes para que nós os submettamos a semelhantes torturas! Não! «Não quero *ser o carrasco dos meus filhos!*»

Então, auxiliado pelos seus longos e profundos estudos da chimica, entregou-se a investigação de uma nova medicina, e construiu, com todas as peças, esse systema medico, que tinha por base o amor paterno.

Eis o homem.

Tal era então, tal foi sempre.

A forte musculatura do seu corpo, a estrutura da sua physionomia, os seus queixos quadrados, a quasi continua palpação das suas narinas, o estremecimento dos cantos da bocca, deprimidos pela idade, tudo respirava n'elle a convicção, a paixão, a auctoridade.

A sua linguagem era original, como a sua pessoa.

«Porque motivo, perguntei-lhe um dia, prescreve o sr. mesmo em saude, o uso permanente da agua?»

—Para que serve usar, quando se caminha velozmente,olveu elle, *as muletas do vinho?*»

Foi ainda da sua bocca que ouvi essa phrase estranha, se a tomarmos no sentido absoluto, mas bem profundo para os que a comprehendem:

«Não ha doenças, ha doentes.»

A sua fé religiosa não era menos viva do que a sua fé medica.

Duas provas se me depararam em abono do que affirmo.

Um dia de primavera, entrei em casa de Hahnemann, dizendo-lhe: «Oh! meu caro doutor, que bonito dia e que bello tempo este!»

O tempo é sempre bello, volveu elle com uma voz tranquilla e grave.

Como Marco Aurelio, vivia no seio da universal harmonia.

Logo que minha filha se restabeleceu, mostrei-lhe o desenho de Amaury Duval.

Hahnemann, commovido, fitou longamente essa imagem que lhe restituia a sua pequenina resuscitada, tal qual a vira a primeira vez, quando ella ia a caminho da morte; em seguida, pediu-me uma penna, e escreveu por baixo do desenho:

«Deus abençoou-a e salvou-a»

SAMUEL HAHNEMANN.

O seu retrato ficaria incompleto, se lhe não juntasse o de sua mulher.

Os dois esposos não se separavam nunca.

No seu gabinete de trabalho, ella assentava-se ao lado da sua secretaria, junto de uma pequena mesa, onde trabalhava como elle e para elle.

Assistia a todas as consultas, fosse qual fosse o sexo do doente e o genero de enfermidade.

Escrevia todos as indicações concernentes á doença, dava a Hahnemann a sua opinião em allemão, e preparava os medicamentos.

Se, excepcionalmente, o medico fazia algumas visitas chemicas, sua mulher acompanhava-o sempre.

Mas o que é mais singular, é que Hahnemann era o terceiro velho illustre ao qual ella se ligara d'essa maneira.

A sr.^a Hahnemann estrear-se na pintura, passara depois á litteratura e acabara na medicina.

Aos vinte e cinco ou trinta annos, mademoiselle d'Herilly, (era este o seu nome), bonita, alta, elegante, com o seu fresco rosto emmoldurado em ligeiras madeixas louras, e os seus pequenos olhos azues, tão penetrantes como os olhos pretos, enlçara o seu destino ao do célebre discipulo de David, o sr. L... .

Desposando o pintor, mademoiselle d'Herilly desposou a sua pintura e poderia ter assignado muitas das suas telas, como assignava, mais tarde, as receitas de Hahnemann.

Em seguida á morte de L... , a viuva voltou-se para a poesia, individualisada em um poeta do setenta annos!

A' medida que avançava em idade, accentuava se cada vez mais a sua predilecção pelos velhos.

O poeta era o sr. A... .

Sua esposa dedicou-se aos pequenos versos, com o mesmo ardor com que se atirara aos grandes quadros historicos.

A... falleceu e a sua viuva casou com Hahnemann, que contava oitenta annos.

Tornou-se então tão revolucionaria em medicina, como fora classica em litteratura e pintura.

O seu culto attingia o fanatismo.

Um dia, em que eu me queixava, na sua presença, da infidelidade de um dos nossos creados, que nos obrigara a despedil... madame Hahnemann acudiu:

«Porque não me disse isso ha mais tempo? *temos medicamentos para esse caso.*»

Accrescentarei que a companheira do célebre medico era dotada de uma intelligencia verdadeiramente rara, e de uma habilissima aptidão para enfermeira. Ninguem, melhor do que ella, sabia inventar mil meios de allivio para os pobres pacientes. Reunia ao piedoso ardor de uma irmã de caridade, toda a engenhosa delicadeza de uma senhora.

Os cuidados em que ella envolvia o marido eram admiraveis.

Hahnemann morreu, como elle devia morrer.

A é aos oitenta e quatro annos, o afamado clinico foi a mais eloquente demonstração da bondade da sua doutrina.

Nem uma enfermidade. Nem um desfallecimento da intelligencia ou da memoria. O seu regimen era simples, mas sem affectados rigores. Não havia nunca nem agua pura nem vinho puro. Algumas colheres de vinho de champagne em uma garrafa d'agua, constituiam a sua unica bebida, e em vez de pão, comia a especie de pudim, conhecido em França pelo nome de *baba*.

«Os meus dentes de velho, dizia elle, acham isto mais macio.»

Durante o verão, voltava todas as noites a pé, quando o tempo estava bom, do Arco do Triumpho até Tortoni, onde tomava um gelado.

Uma manhã, ao acordar, achou-se menos bem disposto do que era costume.

Receitou a si proprio um medicamento, e disse a sua mulher:

«Se este remedio não produzir effeito, o caso é grave.»

No dia immediato, sentiu-se enfraquecer, e vinte e quatro horas depois, extinguiu-se sem soffrimento, recommendando a sua alma a Deus.

A sua morte causou-me um grande desgosto; poucos homens me deram uma tão evidente idéa da superioridade humana. Como e porque abandonei eu a sua doutrina? Pela admiração que elle me inspirara.

Para seguir a homoeopathia é preciso mais do que a confiança, é necessaria a fé. A theoria das doses infinitesimas offende por tal maneira as regras do bom senso, que é indispensavel acreditar-se cegamente no homem para admittir o seu systema.

Logo que Hahnemann desapareceu, o meu culto caiu com o objecto do meu culto; os seus successores pareceram-me tão pequenos em comparação do mestre, que pouco a pouco, e impellido por um medico, meu amigo, volvi á religião medica de meus paes, aquella em que morrerei. Nem por isso deixei de prestar esta homenagem a Hahnemann; o meu *ex-voto* não terá menos valor, sendo offerecido por um apostata.

ERNESTO LEGOUVÉ.

— ∞ —
MENDES LEAL

—
 III

Sempre que lia um romance de Mendes Leal ou um volume de historia de Rebello da Silva, lamentava eu profundamente que Mendes Leal não tivesse escripto sempre historia, e que Rebello da Silva não tivesse feito sempre romances. A imaginação brilhantissima d'este grande escriptor fazia com que elle debuxasse admiravelmente as scenas de um conto, de uma novella, que pozesse em acção uns personagens, que evocasse diante dos nossos olhos as figuras que se tinham gerado na sua phantasia. Quem esquecerá nunca aquelle admiravel quadro da *Ultima toira ta em Salvaterra*, o aspecto da praça, a tragica morte do conde dos Arcos, a varonil resolução do marquez de Marialva, e a arte com que faz apparecer de relance, ao fundo, a austera figura do marquez de Pomal? Como a nossa imaginação evoca facilmente o grupo de personagens que formam, por assim dizer, o elenco da *Mocidade de D. João V?* Diogo de Mendonça, o espirituoso ministro, Lourenço Telles, o correcto antiquario, o abbade Silva, o abrutado Philippe José da Gama, e a boa Magdalena, e as suas suas encantadoras

filhas, a candida Thereza, a romantica Cecilia, e o bello typo de D. João V e a figura admiravel do padre Ventura? O estylo póde já hoje fatigar um pouco o nosso espirito com os seus interminaveis arabescos, mas as physionomias que elle creou não saem mais da nossa imaginação, e é isso o que verdadeiramente caracteriza o dom creador dos dramaturgos e dos romancistas. Todas as figuras de Shakespeare fazem parte de um mundo ideal, que para o nosso espirito tem tanta realidade como o mundo em que se agitam creaturas verdadeiras.

Na historia segue Rebello da Silva os mesmos processos do romance. Imagina as figuras, sem as ter estudado muito, e faz de D. Sebastião ou do prior do Crato uns irmãos de Cecilia ou do padre Ventura. A investigação fatiga-o. O que adivinha com a sua intuição maravilhosa sae-lhe excellente, mas o trabalho de cabouqueiro, que o historiador precisa de ter, esse repugnava profundamente áquelle poeta, que menos fez nunca um verso, mas que era mais poeta do que muitos que os fazem admiravelmente. Não seria elle que acceitaria, como historiador, a incumbencia de Castilho, quando este dizia na sua admiravel chacara da Nazareth:

Lidai á luz triste das lampas nocturnas,
cobri-vos de brancas, mineiros da historia,
trazei-nos bom oiro das lobregas furnas
que a vida vos comem, sedenta de gloria.
E nós fundidores
d'esse oiro que achardes e seus polidores
fal-o-hemos estatuas aos olhos do dia.
E porque as o povo frequente á porã
as c'róas sabidas lhes põmos de flôres

Não! Rebello da Silva fazia as estatuas, fundia e polia o oiro, não o procurava.

Tome-se pelo contrario um romance historico de Mendes Leal —o *Calabar* por exemplo ou os *Mosqueteiros de Africa*. As figuras que se movem n'essas grandes telas apagam-se facilmente da nossa memoria, porque não teem realmente—devemos confessal-o—o cunho de uma creação genial; mas em compensação que admiraveis estudos da epoca! como elle apanha os pormenores! como estuda minuciosamente os costumes, a legislação! como profunda as investigações! Vejâmol-o depois na sua resposta aos portadores dos titulos de D. Miguel: que pertinacia e que perspicacia de investigação! Como se vê alli bem um homem que seria capaz de estudar, de destrinçar os elementos dos grandes problemas historicos, e de atinar com a sua resolução!

Infelizmente, Rebello da Silva legou-nos cinco volumes de Historia, e Mendes Leal seis ou sete romances um pouco pesados, com admiraveis capitulos, com paginas eloquentes, com prodigiosas descripções, mas pouco interessantes, romances cujas paginas cheiram a azeite, segundo a phrase conhecida com que se designam as obras, o esforço e o trabalho á luz triste das lampas nocturnas.

Como poeta, Mendes Leal conquistou verdadeiramente um lugar á parte. Em todas as obras de Mendes Leal se sente um pouco o esforço, e a poesia não escapa a essa pécha, tanto mais sensível quanto Mendes Leal, pautando-se muitas vezes por Victor Hugo, procurava tanto quanto possivel a antithese, o parallelismo.

Este sol, que, se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chamma,
Faz cada peito um vulcão.

Traz sempre, erguido ou por terra,
Na mente um só voto—a guerra,
Na boca um só nome—Allah!

Adorar o lenho vamos;
O berço vamos saudar;
N'um d'elles a morte achamos,
Para n'outro a vida achar.

D'um tugurio fez um templo,
De um madeiro um mundo fez.

Viveu soldado rei, e rei soldado
Sobre a espada expirou.

Engastou a mão da historia
As joias da nossa gloria
Na c'róa dos nossos reis.

Honra ao brilhante estandarte
De Condé ou Bonaparte
De Rocroy ou Wagram!

Podiamos multiplicar os exemplos; estes bastam. Esta forma poetica de Mendes Leal fez com que outro poeta, espirituosissimo, já fallecido, dissesse d'elle: «A's vezes, os versos de Mendes Leal são d'esta forma: Se a péga papa a fava, porque é que não papa a fava a péga?»

O dito era apenas uma *boutade*, como os francezes dizem, e

não significava menosprezo pelo grande talento poetico de Mendes Leal. Seria uma injustiça se o significasse, porque Mendes Leal, na sua feição lyrico-epica, é um dos tres ou quatro poetas do nosso tempo que hão de sobreviver. A phrase poetica não lhe irrompe dos labios candente, apaixonada, não lhe sae nas labaredas de um devorador enthusiasmo; arde um pouco laboriosamente, fundindo porém os mais nobres metaes, que se transformam emfim n'esse bronze corinthio que desafia os seculos.

No *Abd-el-Kader*, no monologo do famoso emir, tem estrophes que podiam figurar na collecção das *Orientaes*. Quando inflamam o odio dos arabes contra os invasores francezes, o emir prefere estes magnificos versos:

Em terra olivedo e palmas!
Minemos os seus covis!
Vão cair-lhe as negras almas
Nas azas negras d'Eblis.
O solo os vomite aos ares!
Devolva-os o céu aos mares!
Por campa as vagas: depois
Só se apague n'estes luctos
A chamma dos seus reductos
No sangue dos seus heróes!

Oçam-se no *Pavilhão Negro* aquellas admiraveis estrophes postas na boca de granito da torre de Belem:

Os meus nautas, pondo os lares
No convez das caravellas,
Cruzavam; rindo, as procellas
Quer dos homens, quer dos mares.
D'essa illustre e forte raça
Conto o destino a quem passa.
Vedeta de um povo-rei,
Eu sou a torre princeza
Excedi Tyro e Veneza,
Carthago e Roma egualei.

Hoje, pallida memoria,
Com o gesto de um proscripto
Cinjo aos hombros de granito
O manto da minha gloria.
Resta-me só, é verdade,
Esta herança e a da saudade;
Mas na fronte marcial
D'outros tempos pregoeira,
Conservo a livre bandeira
Como uma flôr virginal

Depois é conceituoso, é energico; os seus versos não são apenas sonoridades vãs. Cada um d'elles encerra um pensamento muitas vezes profundo.

No *Napolião no Kremlin*, poesia que hade ficar como um dos mais bellos lanços do monumento de Mendes Leal, encontra-se entre muitos outros, um verso que Tacito assignaria, se Tacito fosse poeta, e que admiravelmente resume a descripção d'aquella extraordinaria guerra da Russia, em que os moscovitas oppunham ao invasor a devastação dos seus proprios campos, a ruina das suas proprias cidades.

Investe a Legião; defende-se o deserto

Lembra, ainda que n'um sentido diverso, e por conseguinte sem sombra de de imitação, aquella famosa phrase de Tacito a respeito dos barbaros do seu tempo: *Ubi solitudinem faciunt, pacem appellant.*

No *Ave Cesar*, como é brilhante, cheia de movimento e de vigor, lembrando as primeiras estrophes do côro do *Carmagnola*, a descripção da batalha de Novara, e que belleza philosophica o levantada a das reflexões que a fecham:

D'essa immensa procella de guerra,
D'esse immenso, confuso estridor
Que ficou? uma c'róa por terra,
Uma bella captiva, um senhor.

Pobre Italia! tão bella, e tão triste
No teu vasto, florido jardim!
Foi-te ingrata a fortuna, caiste!
Mas a queda de um povo tem fim.

Tudo isto é oiro dos mais finos quilates, e, se effectivamente, muitas das poesias de Mendes Leal, extremamente arrebitadas, procurando infatigavelmente a antithese, hão de perder-se no caminho da posteridade, outras, e sobretudo estas pequenas epopeas, *Abd-El-Kader*, o *Pavilhão Negro*, *Ave Cesar*, *Napolião no Kremlin*, hão de ser lidas e admiradas, emquanto houver quem leia e falle o portuguez idioma.



MARIA REGNAULT

COMEDIA DO AMOR

PRIMEIRO ACTO

Uma pequena alcôva. No ambiente evola-se as olencias estonteadoras d'um perfume da Illyria. Xaireis adamascados pendem silenciosamente. D'um lampadario de vidro fôco, semelhante a um ovo de avestruz, escôa-se uma poeira luminosa e tenuissima... Na parede, entre porcellanas do Japão e bronzes corynthios, avulta um grande retrato do Poeta—o amante de Celina. Em vasos de faiança, bijudos como o ventre d'um kalifa, pendem os acanthos e os liazes... Tres horas da madrugada. Celina repousa n'um diwan de setim negro, e, a seus pés, o Poeta contempla o seu divino corpo desnudado, n'um extasi pagão e sensual

O POETA

Celina, minha adorada Celina! consente que eu enrosque nos teus braços umas pulseiras magnificas, cravejadas com as pedras preciosas dos meus beijos...

CELINA (*estendendo-lhe os braços*)

Aqui os tens...

O POETA (*beijando-lhe os pulsos*)

Como isto é bom! Quando os meus beijos tocam, de leve, a tua epiderme leitosa e transparente, sinto as vertigens da embriaguez, como se tivesse bebido um licor cheio de philtros capitosos. Teus cabellos, fulvos como o ambar de Maskate, produzem-me hallucinações e desvairamentos. E a mucosa dos teus labios vermelhos conduz-me aos paizes lendarios da Chymera e ás ilhas mysteriosas do Amor!

CELINA

Como eu gosto de te ouvir, meu encanto! As tuas palavras madrigalescas e ternas enchem-me de orgulho.

E, sabes, meu amor? quando oiço o rythmo cadenciado dos teus versos, chego a julgar que sou uma d'essas Princezas medievais, que, á noite, n'um varandim de pedra, escutavam as serenadas tristes e gemedoras dos seus enamorados poetas... Responde, meu filho: gostas muito da tua Celina?

O POETA

Muito, muitissimo...

CELINA

Juras?

O POETA

Jurô. Mas, dize-me: se eu agora morresse, o que farias tu?

CELINA

Morreria tambem, porque o teu amor é a minha vida...

SEGUNDO ACTO

A mansarda do Poeta. Respira-se um ar de desconforto e doença. N'uma meza coberta de papeis e de livros, alguns frascos com remedios. O Poeta geme n'uma enxerga pobrissima: esta moribundo.

A seus pés Celina chora, copiosamente, beijando-lhe as mãos amarelladas e frias.

O POETA

Vou morrer, vou... Responde, meu amor, juras que nunca te has-de esquecer de mim?

CELINA (*chorando*)

Juro.

O POETA

Juras que nunca serás d'outro homem?

CELINA

Juro.

O POETA (*beijando-lhe os cabellos*)

Então, adeus...

(*morre*)

TERCEIRO ACTO

Um cemiterio. Dia brumoso e triste. O coveiro acabou a sua obra e espera, silenciosamente, a chegada do enterro. Uma chuva miudinba escorre pelos sepulchros. Ao longe, apparece o enterro do Poeta.

Quatro mercenarios pegam ao caixão: nem um amigo sequer! Apenas, atraz do féretro, vem Celina com os cabellos desalinhados e o pranto a resaltar-lhe dos olhos escuros e luminosos como duas auroras negras. Os mercenarios atiram com o caixão para dentro da cova, e vão-se.

O coveiro, terminando o seu trabalho, vae assentar-se, ao longe, n'um sepulchro de marmore. Celina ajoelha-se então: e, chorando lastimosamente, põe-se a beijar aquella terra ainda fresca e revolta.

CELINA (*com a voz embargada pelos soluços*)

Abre-me o teu caixão, meu adorado amor, abre-me o teu caixão, que eu tenho saudades dos teus beijos e quero adormecer contigo.

UMA VOZ (*Jent-o do tumulo*)

Juras que nunca serás d'outro homem?

CELINA

Juro!

A noite cae silenciosamente. Celina affasta-se cheia de pavor e de magua, e o coveiro fecha o largo portão de ferro.

QUARTO ACTO

Meia noite. O mesmo cemiterio. A chuva cae incessantemente, e o vento arranca gemidos e soluços ao coração dos cypresses. A scena passa-se no jazigo do Poeta.

UM VERME

Olá, meu amigo! Então quem és tu?

O POETA

Sou um Poeta chegado, ha pouco, da Vida.

O VERME

Dize-me, trazes saudades do mundo? Que tal te deste, lá em cima com os homens, ou antes com as mulheres?

O POETA

Com os homens, mal: com as mulheres, perfeitamente bem.

O VERME

Amaste?

O POETA

E sou amado, o que é melhor ainda...

O VERME (*com ironia*)

Põe-me esse verbo no preterito, meu amigo. Lá que fosses amado, muito bem; mas, o que eu não creio é que ainda o sejas.

O POETA (*cheio de tristeza*)

Porquê?

O VERME

Porque as mulheres são sempre as mesmas. Não passarão muitos dias, e a tua amante ha-de cahir nos braços de um desconhecido qualquer, do mesmo modo que cahiu nos teus...

O POETA (*cheio de indignação*)

Miseravel!

O VERME (*sorrindo*)

Não te exaltes, meu amigo. Eu bem sei o que é o amor...

O POETA (*dolorosamente agitado*)

Mas porque fallas tu assim?

O VERME

Porquê? Ora essa! porque uma noite ouvi uma voz cantando assim:

*La donna é mobile
Qual piuma al vento...*

Ora aqui tens tu porque...

O POETA (*affectando serenidade*)

... m, deixa-me dormir um pouco. Amanhã continuaremos a nossa conversa...

—O Verme sae. E o Poeta, scismando nas terriveis palavras que acaba de ouvir, pôe-se a chorar doidamente...

QUINTO ACTO

Uma pequena alcôva. No ambiente evolvem-se as olencias estonteadoras de um perfume da Illyria. Xaireis adamascados pendem silenciosamente. De um lampadario de vidro fôco, semelhante a um ovo de avestruz, escôa-se uma poeira luminosa e tenuissima... Na parede, entre porcellanas do Japão e bronzes corynthios, avulta o retrato de um Desconhecido—o novo amante de Celina. Em vasos de faiança, bojudos como o ventre de um kalifa, pendem os azynthos e os lilazes. Tres horas da madrugada. Celina repousa n'um diwan de setim negro, e, a seus pés, o Desconhecido contempla o seu divino corpo desnudado, n'um extasi pagão e sensual.

O DESCONHECIDO

Celina, Celina! Aperta-me nas adoraveis serpentes dos teus braços! Vamos, meu amor, encosta a cabeça no meu peito e... dorme,

CELINA

Quando os teus pulsos me enleiam vigorosamente, sabes, meu bem-Amado? julgo esmaiar no seio d'um Athleta valente e poderoso...

O DESCONHECIDO

Amo-te muito! Tens visto na frontaria das cathedraes umas santas de marmore mettidas em nichos de pedra? Pois bem! Meu peito é um nicho caricioso e confortativo, e tu és uma d'essas santas, ó minha deliciosa pomba!

CELINA

Sou tua e só tua! Responde, meu filho, gostas muito da tua Celina?

O DESCONHECIDO

Muito, muitissimo...

CELINA

Juras?

O DESCONHECIDO

Juro. Mas, dize-me: se eu agora morresse, o que farias tu?

CELINA

Morreria tambem, porque o teu amor é a minha vida...

(os dois amantes beijam-se e adormecem)

UMA VOZ (*cantando ao longe*)

*La donna é mobile
Qual piuma al vento...*

Lisboa, 19 de abril de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

ELEGIA DO AMOR

(A ANTONIO FIGUEIRA)

I

Eu vi-te, em sonhos, dormindo,
Branca, da cor das camelias,
E loira como as Ophelias,
O somno tragico, infindo,

Que immobilisa, immersas em tristezas,
No silencio das velhas cathedraes,

As estatuas dormentes das princezas
Sobre o marmor' dos tumulos reaes.

II

Meditando na mésta soledade,
Algum monge de fronte austera e mansa
Conhecêra, no rosto das madonas
Dos velhos santoraes da meia-idade,
As suaves feições d'essa creança.

III

Scheherazada inconstante,
Que fizeste do nosso conto moiro,
Da ridente visão d'esse futuro
Que era um palacio extraordinario d'oiro
E porphyro e diamante?

Eilas ao vento,
As folhas virginaes, immaculadas,
D'um livro ideal d'olympicas poesias,
Onde liamos juntos o sublime,
— O nosso *Midsummer night's dream*
Tão vibrante de castas alegrias
E brancas madrugadas!

IV

Que loucura divina!
Pedi-te mais do que podias dar-me,
Pobre, inconstante e frivola Rosina,
Bem me custou mudar-me!

V

Eram tão bons os beijos que me dava
A tua bocca fresca e pequenina,
Cheia de luz da tua loira trança,
O' dulcida bonina!
Vê como a gente muda: imaginava
Passar a vida ao pé de ti, creança!

VI

Hoje estás longe. A limpida alegria
Que me batia n'alma uns inefláveis Angelus,
Partiu contigo.
Eu tambem já não queria
Perdendo-te, de novo, como outr'ora,
Que fosse certo o sonho em que te via
Tão livida, tão gélida, dormindo
O somno tragico, infindo,
Que antecede o raiar da grande aurora
É immobilisa, immersas em tristezas,
No silencio das velhas cathedraes,
As estatuas dormentes das princezas
Sobre o mármor' dos tumulos reaes!...

(Das Verbenas)

Coimbra, 23 de janeiro de 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CRIME DA RUA MONTAIGNE, EM PARIS

Na manhã de 17 de março ultimo, via-se uma grande quantidade de povo, estacionado em frente do predio n.º 17 da rua Montaigne, em Paris, onde se achavam o procurador geral, Borchet, o procurador da Republica, Bernard, o prefeito de policia, Grangnon, e o chefe e sub-chefe da segurança, Taylor e Goron.

Estas auctoridades, cujos passos e investigações o povo espreitava curiosamente, procediam ao exame legal d'um crime horrivel, commettido em mademoiselle Maria Regnault, na sua creada de quarto, Annette Gremeret, e na filha d'esta ultima, uma creança de onze annos e meio de idade.

Eis o resultado do seu exame:

Maria Regnault era nma mulher de trinta e cinco annos, nascida em Chalon-sur-Saône, morena, um tanto nutrida, formosa e elegantissima.

Amante de um rico negociante de Paris, mantinha numerosas relações no mundo da galanteria, onde era conhecida pelo nome de madame de Montille, e passava por ter uma fortuna de cerca de 15 mil libras de renda. No Bosque e nas primeiras representações, exhibia *toilettes* soberbas. Possuía joias preciosas.

A casa que occupava, no terceiro andar do predio n.º 17 da rua Montaigne—um predio de muito bom aspecto—compunha-se dos seguintes compartimentos; quarto de dormir, sala, um gabinete de *toilette*, sala de jantar, o quarto da creada, separado do quarto de mademoiselle Regnault por um comprido corredor, cozinha e *water-closet*.

A casa estava mobilada com elegancia. A guarnição do gabinete de *toilette*, por exemplo, era de prata. O quarto da cama era forrado de reps encarnado, e tinha uma mobilia riquissima, de palissandre.

Mademoiselle Regnault tinha duas creadas: uma, Annette Gremeret, que dormia n'um quarto, com a filha, creança de 11 annos e meio de idade; e outra, a cosinheira, chamada Toulouse, que dormia n'um quarto do sexto andar.

No dia 17 pela manhã, desceu a cosinheira ás nove horas, para começar o serviço, batendo á porta da escada de serventia dos creados. Não obtendo resposta alguma, desceu, a fazer as compras.

Voltando ás 10 horas, foi bater á porta do quarto da ama.

Ninguém respondeu; ouviam-se apenas os cães de mademoiselle Regnault, que soltavam latidos, fechados lá dentro.

Cheia de espanto, a cosinheira Toulouse desceu logo ao gabinete do guarda-portão, que entendeu dever prevenir o commissario de policia, mr. Crénean.

Pelas 11 horas e meia, este, acompanhado de um serralheiro, apresentava-se no local onde se suspeitava de um crime e mandava arrombar a porta, que não apresentava nenhum indício de ter sido forçada.

O espectáculo que se lhes deparou era horrivel.

Havia, no meio de um quarto, um cadaver deitado n'um mar de sangue.

Maria Regnault, em camisa, estava estendida aos pés do leito, morta.

Tinha um golpe profundo no seio esquerdo.

Foram ao quarto da creada, encontrando esta tambem em camisa e com a cabeça quasi separada do corpo.

A pequenita Gremeret tinha tambem um grande golpe no pescoço. A cabeça estava presa ao tronco pelas vertebrae. A larynge e todos os musculos do pescoço estavam cortados.

O medico averiguou que os tres assassinios deveriam ter sido feitos entre as 5 e 6 horas da manhã.

Pela posição dos tres cadaveres foi facil reconstituir a scena do crime.

Maria Regnault, ferida com o primeiro golpe abaixo da clavícula, provavelmente enquanto dormia, levantou-se, e teve força para tocar o botão da campainha electrica, que communicava com o quarto da creada.

O assassino, porém, lançou-se sobre ella e matou-a.

A creada, quando accordou, fez sem duvida barulho; o malvado correu ao quarto d'ella.

A pobre mulher tinha-se levantado, e estava á entrada do quarto, quando o assassino a estendeu aos pés.

Depois foi contra a pequenita, que soffreu a mesma sorte das duas primeiras victimas.

*

Maria Regnault tinha jantado na tarde de 16, com o seu amante reconhecido. Separaram-se ás 10 horas da noite.

Ás 11 horas e meia, o guarda portão, que se achava na escada, para apagar os bicos de gaz, vendo um individuo que subia precipitadamente, perguntou:

—Onde vae?

—A casa de madame de Montille—responden o desconhecido.

Como Maria Regnault recebia algumas vezes visitas, a horas adiantadas da noite, o porteiro não desconfiou e deixou-o subir em paz.

Não o viu sair; mas como a porta se abrisse de manhã ás 10 horas, o assassino poderia fugir sem difficuldade, depois de ter morto as duas mulheres e a creança.

*

Encontrou-se no quarto de Maria Regnault um par de punhos, cujos botões tem iniciaes, que correspondem ás do nome e appellido que assignam tres ou quatro cartas encontradas em casa da victima e escriptas por um amante.

Encontrou-se tambem, junto da cama, um cinto de coiro, para segurar as calças, no qual se lê um nome. Esse nome é o do signatario das cartas:—Geissler.

*

A principio fizeram-se mil conjecturas sobre qual seria o mobil do crime. Pensou-se no roubo, mas nada então confirmava essa hypothese.

Não se encontrou a bolsa de Maria Regnault, é certo, mas um novel em que estava um cofre forte com joias preciosas e uma somma de 200:000 francos (36 contos de réis), apresentava-se completamente intacto.

Pode ser que o assassino, depois de praticado o crime, e receiando ser preso, tratasse logo de fugir.

Seria um amante ciumento? Chegou a admittir-se esta hypothese tambem.

O que elle era, evidentemente, era um «habitué» da casa, um dos frequentadores mais dilectos.

Sabia que Maria Regnault tinha, n'essa noite, uma visita, que sairia ás 10 horas. Não só esperou que a visita sabisse, mas esteve a observar da rua o momento em que o porteiro ia apagar o gaz, para subir a escada sem ser conhecido.

Foi talvez ella mesma quem lhe abriu a porta. Passou com ella toda a noite; e, se não commetteu o crime antes do nascer do dia, é porque sabia que a essa hora encontraria fechada a porta da rua.

*

Estava a policia de Paris posta em campo para descobrir a pista do malvado, quando a policia de Marselha, bem mais feliz, prendia ali um tal Pranzini, sobre quem pezavam indícios muito graves, encontrando em seu poder roupa ensanguentada. Pranzini, de mais a mais, confessava reconhecer Maria Regnault, embora negasse ser o author dos tres assassinios da rua Montaigne.

Digamos as circumstancias em que se realisou a captura.

Pranzini entrara n'uma casa tolerada d'aquella cidade, e passara a noite de 19 com uma rapariga, Maria Favre, a quem, á despedida, em vez de pagar os 20 francos exigidos, offereceu um pequenino relógio de ouro, esmaltado de azul, de grande valor, e um par de brincos.

A rapariga, chocada por tão estranha generosidade, mostrou o relógio á dona da casa, e esta, não considerando a largueza da offerta em relação com a maneira de trajar do offerente, desconfiou do caso e participou tudo á policia, que conseguiu, sem grande trabalho, apoderar-se de Pranzini, auxiliada por Maria Favre.

Interrogado sobre a sua identidade, pelo substituto do procurador da Republica, declarou chamar-se Henri Pranzini, ter 29 annos de idade, ser medico e haver nascido em Livorno (Italia).

Segundo elle disse, partira de Paris no sabbado, no comboio expresso, e hospedara-se no hotel de Noailles.

Observou-se que se inscrevera com aquelles nomes e qualidades no livro de registro do hotel, accrescentando que tencionava partir para as Indias inglezas.

Pranzini é um homem de cerca de 30 annos, vigoroso, de estatura regular e cabello castanho claro, quasi loiro. No momento de ser preso, tinha bigode e suissas.

Falla lentamente, com accentuada pronuncia italiana.

Vivia em Paris, e a sua existencia ali era bastante problematica. Relacionara-se, havia oito mezes, com uma tal madame Sabattier, habitando com ella uma casa modesta, na rua dos Martyres, n.º 40. Pranzini era sustentado pela amante. Não trabalhava. Levantava-se muito tarde e deitava-se por altas horas da madrugada. Uma vida de mandrião. Frequentava as cervejarias do *boulevard Rochechouart*, e era conhecido por algumas mulheres galantes d'aquelle bairro, que o consideravam como um aventureiro da peor especie.

Dizia-se negociante de quadros, mas nunca exerceu esta profissão.

Pranzini não recebia correspondencia em casa da sua amante. Fazia dirigir todas as cartas para casa de madame Degenne, compradora de quadros e de curiosidades, no *boulevard Malesherbes*, 11 bis.

A amante de Pranzini, madame Sabattier, é uma mulher de 50 annos, muito laboriosa e gozando de excellente reputação. Trabalha n'um armazem de confecções da rua da Paz, onde ganha cerca de 300 francos por mez.

Tinha algumas economias, que o amante libertino dissipou completamente.

Este falso *ménage* era muito commentado pe'a vizinhança, que se admirava de ver uma mulher de 50 annos vivendo com um homem de 30.

*

Tendo Pranzini declarado á policia de Marselha que passara a noite do crime em casa de madame Sabattier, procurou-se saber se isto era exacto. Madame Sabattier, a principio, declarou que o amante passara aquella noite em sua casa, mas por fim confessou que não. Interrogada a porteira, declarou que Pranzini não tornara a apparecer desde a tarde de 16.

*

Mas voltemos ás declarações feitas pelo supposto assassino perante a policia de Marselha, no acto da captura.

Sendo-lhe apresentados o relógio e os brincos, Pranzini sustentou que nunca possuiria aquelles objectos e que era falso tel-os dado a Maria Favre.

Interrogado sobre o crime da rua Montaigne, disse que conhecera Maria Regnault, e que as authorities de Paris deviam encontrar entre os papeis d'ella algumas cartas suas e cartões de visita com o seu nome.

Acrescentou mais:

—Logo que tive conhecimento do crime, receei ser incom-



PRANZINI

modado pela justiça, e abandonei Paris. A minha partida precipitada prova bem que não sou culpado.

Perguntado sobre se nunca usara o nome de Geissler, respondeu :

—Para que? As minhas relações com a victima eram bastante conhecidas de toda a gente da casa, para que eu procurasse acobertar-me sob um nome supposto.

Depois d'este interrogatorio, em que Pranzini deu provas d'um sangue frio imperturbavel, o doutor Balata examinou-o, a fim de ver se no seu corpo havia alguns vestigios de lucta com as victimas. Aapresentava, effectivamente, umas escoriações nas mãos, mas, segundo disse, eram provenientes d'uma queda que dera.

Tinha os punhos da camisa cortados. Interrogado sobre isto, declarou que os cortara, por se terem sujado e não os poder mudar no comboio.

Na mala de Pranzini, uma pequenina mala de coiro, encontrou-se um par de calças pretas e alguma roupa branca com manchas de sangue mal lavadas; um par de meias de mulher, e lenços marcados com as indiciaes A. S.

Depois d'este primeiro interrogatorio, Pranzini foi introduzido na casa de detenção da Permanencia, onde tentou enforçar-se, o que os guardas poderam evitar a tempo.

No dia 21 foi submittido a novo interrogatorio pelo juiz d'instrucção, tornando a declarar que viera de Paris no sabbado e que passara a noite do crime em casa da sua amante, madame Sabattier.

—Que dinheiro tinha, quando sahio de Paris? Perguntaram-lhe.

—Cerca de 390 francos, depois de ter comprado o bilhete do comboio.

—E d'onde lhe veiu essa quantia?

—Das minhas economias.

—Qual é a sua profissão?

—Faço pequenos negocios de corretagem.

—Como explica a presença das manchas de sangue na roupa que traz na mala?

Pranzini não respondeu.

—Porque motivo tentou suicidar-se?

—Senti-me indisposto, mas não quiz tal suicidar-me.

Em novos e subsequentes interrogatorios, Pranzini continuou a negar energicamente que houvesse tomado parte no crime da rua Montaigne, e que as joias encontradas em poder de Maria Favre fossem dadas por elle.

Reconhece que passou a noite de sabbado em casa d'ella, mas disse que o relógio e os brincos foram ali levados por outra pessoa.

Emquanto estas coisas se passavam em Marselha, descobria-se em Paris que tinham desaparecido da casa da rua Montaigne uma bolsa de malhas de ouro, com um escudo e iniciaes entrelaçadas; uma bolsa de malhas de prata; um pequeno relógio ornado com um solitario; uma cruz de diamantes; um par de brincos com grossos solitarios; uma cruz com brilhantes; um bracelete de ouro com um diamante no fecho, e diversos objectos de menor importancia, tudo no valor de 3500 francos.

Quem teria roubado aquelles objectos? Geissler? Pranzini? Quem teria praticado os crimes? Pranzini? Geissler?

Mais detalhes sobre a maneira porque Pranzini occupou o tempo, desde a sua chegada a Marselha até ao momento de ser preso.

No domingo pela manhã (20) recebeu no hotel de Noailles um grosso pacote, cuja franquia custára 5 francos; mas interrogado opportunamente sobre a procedencia d'elle e acerca do destino que lhe dera, nada quiz declarar.

N'esse mesmo dia foi á missa, almoçou depois no *restaurant* Pascal, em um bairro deserto da cidade, e em seguida voltou ao hotel, de carruagem: subiu ao quarto, tornou a descer, trazendo um embrulho, e foi passeiar a Longchamps e ao Prado, na mesma carruagem onde viera. Demorou-se uma hora no passeio.

A' volta, como o cocheiro não lhe visse já o embrulho, observou-lhe que o deixára talvez dentro do fiacre, por esquecimento.

—Perdi-o, respondeu Pranzini. Continha objectos sem importancia.

O embrulho continha joias, que Pranzini tivera o cuidado de arremessar a uma sentina publica, durante o seu passeio em Longchamps.

Digamos como foi que a policia marselheza conseguiu descobrir essas joias.

Na manhã do dia 25 foi o preso a Longchamps, acompanhado pelas auctoridades. Ia n'um *coupe*, com dois gendarmes, e fortemente algemado. Uma vez nos jardins do palacio, foi convidado pelas auctoridades a designar o lugar onde tinha lançado o pacote recebido no hotel de Noailles. Depois de muitas idas e vindas

Pranzini acabou por designar um montão de rochedos, que ficam superiores á cascata do jardim Zoologico. Este local fôra visitado na vespera e nada tinha sido ali achado. Pranzini affirmava, entretanto, ser este o sitio onde largara o pacote.

Voltando junto do lugar onde ficam as latrinas, foi posto em confronto com a encarregada d'ellas, que affirmou recordar se perfeitamente de o ter visto entrar n'um dos gabinetes, onde se demorou mais de um quarto de hora, dando, á saida, 50 centimos. Pranzini negou ter entrado nos gabinetes. Desde então nasceu nos magistrados a convicção firme de que era ali que estavam as joias.

Com effeito, foram ordenadas rigorosas buscas, e ao cabo de poucos trabalhos encontrou-se uma pulseira de ouro com uma fila de turquezas engastadas, depois um pequeno espelho com moldura de ouro, que deve ser a tampa de uma caixa de pó de arroz e, finalmente, outros objectos miudos, de ouro.

Vendo levantar-se diante d'elle esta nova prova esmagadora, Pranzini empallideceu um pouco, mas por fim, retomando imperio sobre si proprio, encolerisou se muito e levantou a voz. Disse que é innocente, que se saberá um dia quem fez tudo, mas que havia um concurso de circumstancias terriveis que o condemnavam, não sabia porque.

Continuou a negar, mas com energia, e declarou, quando lhe perguntaram se conhecia os objectos achados em Longchamps, que nunca os vira. O pacote que deitou fóra—disse—continha apenas mólas de relógio.

—Mas para que se desfêz de um embrulho, que não tinha para si nada de compromettedor? perguntaram-lhe.

—Deitei-o fóra, sem saber porque.

Os objectos d'ouro encontrados nos canos de Marselha, foram já enviados para Paris, onde serão submittidos ao exame das pessoas que conhecem as joias de mademoiselle Regnault. Se esses objectos forem effectivamente reconhecidos como pertença da victima da rua Montaigne, esta descoberta constituirá uma nova prova, de véras compromettedora para Pranzini.

Em a noite de 14 do corrente, foi Pranzini submittido a novos interrogatorios, na casa da rua Montaigne, theatro do crime.

Estes interrogatorios não deram melhor resultado que os antecedentes. Certas provas, mesmo, que foram tentadas, não tiveram o successo que se esperava. Pranzini conservou-se sereno e senhor de si, sem se deixar abater por um instante sequer.

Em seguida a estas provas, foi confrontado com madame Sabattier, que confirmou os seus depoimentos antecedentes.

A despeito das negativas formaes da sua antiga amante, continuou a affirmar que passou a noite do crime em casa d'ella, deitado sobre um sophá.

Estas experiencias terminaram pelas 2 horas da noite e em vista da sua inutilidade, tentou-se uma ultima prova.

Tratou-se de ver se o porteiro da casa reconhecia em Pranzini o sujeito que subiu ás 11 horas da noite do crime, em procura de Maria Regnault.

Pranzini foi convidado a pôr na cabeça um chapéu de copa alta e a voltar a gola do casaco para cima.

Em seguida, interrogou-se o porteiro.

Não o reconheceu.

Depois de todas as experiencias e investigações feitas pela policia franceza Pranzini continua a affirmar que está innocente.

Mas o que fez elle na noite em que se praticou o crime?

Como é que as joias roubadas a Maria Regnault se acham em seu poder?

D'onde provêem as feridas que se lhe encontram nas mãos?

Não se sabe.

Nos canos de esgoto de Marselha foram já achadas mais joias que se suppõe terem pertencido a Maria Regnault.

Diz o *Gaulois* que o invisivel Geissler, não procurado por toda a parte, está em Paris. Assim acaba de o affirmar a mr. Taylor, chefe de segurança, um individuo, que promete apresentar-lhe o verdadeiro Geissler, o authentic, o genuino. se lhe garantirem, em troca d'este serviço, uma gratificação de 1000 francos, pagos adiantadamente.

Entre os retratos que publicamos hoje, figura o de Demange, o habilissimo advogado parisiense, que se encarregou da defeza de Pranzini.

Demange dispô d'um bello talento, e é considerado, depois do fallecido Lachaud, como o mais celebre dos defensores do tribunal de Paris.

Novo ainda, tem já alcançado uma série enorme de colossaes triumphos oratorios.

Todos perguntam agora onde é que Demange poderá encontrar circumstançias attenuantes em favor do supposto assassino da rua Montaigne, mas todos esperam, não obstante isso, que a sua palavra fascinadora e magica tenha o dom de impressionar o jury, como sempre.

A impaciencia por ouvir o notabilissimo advogado é enorme em Paris.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA EM VERSO

Eu disse que te amava com fervor,
Que era puro, que era santo este amor,
Que o peito me consome,
E que um desejo apenas eu nutria,
De ver ligado a mim, n'um feliz dia,
Teu conhecido nome. — 2

E tu me respondeste com desdem:
— Que credito não davas a ninguem,
Que fosse assim, ligeiro,
Fallar-te d'um affecto tão sagrado,
Sem consultar's primeiro o Eldorado...
O sabio, o feiticeiro!... — 2.

Um dia perguntei-te, minha qu'rida:
Que transição se deu em tua vida,
Pr'a seres minha esposa?
Córando me disseste muito affavel:
— Que do sabio me fôra favoravel,
A planta milagrosa!...

Logogripho

Em determinado tempo, 4, 8 2, 1
Certo mancebo feliz, 7, 6, 3
Por commetter um delicto, 2, 5, 8
Foi direitinho a Paris

Leitores; quereis conceito?
Pois bem: ahí vol o don.
E' guerreiro d'arco e flecha,
E o leitor já decifrou?

Castello-Branco.

SALOIO.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Andaluzia—Obolo—Sado—Tute-
la—Pepino—Couraça—Tucano—Musica—Cascaes—Licor—Elisa
—Tavira.

DA CHARADA EM VERSO:—Saramago.

DO LOGOGRIPHO:—Jesus Maria José.

A RIR

—Homem, lamento o desgosto que tiveste. Aquella tua mulher, a fallar a verdade... De mais a mais apanhaste-a em flagrante...

—Ah! não me lamentes, estou vingado.

—Sério?!

—Dasanquei os ossos ao guarda portão.

—Ao guarda portão!..

—Sim, porque não me impediu que subisse.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA COLLAR O AMBAR

Ilmedecem-se as peças quebradas n'uma solução de potase caustica, unem-se aquecidas e ligam-se, ficando por este modo tão perfeitamente colladas, que se não conhece o lugar onde foram unidas.

O PADRE CARLOS

Ha individuos que nascem predestinados para certas carreiras, com uma força invencivel de temperamento, que nada pode domar. O padre Carlos era uma d'essas organizações singulares.

Desde pequenino, concentrara-se todo em si mesmo. Fóra do seu eu, nada transpirava, nem as alegres retoicadas, tão naturaes na infancia, nem essas candidas confidencias que formam o encanto dos primeiros annos. Nada. Tudo sombrio n'elle e em volta d'elle.

Os olhos pareciam estoirar de dor, na mudez doentia com que fitavam. A cabeça trazia-a inclinada para o peito, o que o obrigava a curvar-se ligeiramente, parecendo ter mais idade.

Fugindo do convívio dos outros rapazes e sempre isolado e triste, parecia entregar-se inteiramente a toda a amargura dos seus pensamentos. Mas, que pensamentos poderiam germinar n'uma cabeça tão juvenil? Que desgostos poderiam acobrir um filho unico e idolatrado pelos paes? Scismava-se n'isso.

A mãe era uma senhora doente, de temperamento lymphatico e amiga da solidão. Na casa havia um ar de claustro. Um silencio morno. Sentia-se voar as moscas. Nada interrompia aquelle sepulchro, senão o tan-tan irritante da pendula formidavel na sala das visitas—um pesado e monstruoso torreão de mogno, sem duvida contemporaneo dos francezes.

A mobilia da sala, antiga como os frades; um espelho regence, mas com o aço tão avariado, que apesar dos esforços incriveis das pessoas que diante d'elle paravam, não havia memoria de ninguem se ter visto reproduzido n'elle. Nas paredes as conhecidas lithographias de D. Affonso Henriques, desde que foi aclamado rei, até que appareceu no campo dentro do seu carro de guerra, agitando a veneranda barba ao vento da ultima refrega.

Em casa, os creados andavam nos bicos dos pés, silenciosos, deslisando como sombras. No ambiente um forte cheiro a alfazema. O dono da casa e o resto da familia, tinham sacrificado a sua alegria, as suas gargalhadas saudaveis e retumbantes a este regimen dyspeptico do prazer, muito do agrado da senhora.

Não havia cães, nem gatos, e parece que eram completamente desconhecidos os roedores, graças a uma bateria de ratoeiras installada em todos os pontos estrategicos do predio, desde a cosinha ao jardim.

O jardim era divino, com as suas aleas rectas e o arvoredado aparado. Nenhuma folha tinha licença de se destacar das outras. Os passaros sacudiam as azas com desprezo por cima d'aquella caricatura da natureza, e voavam de largo. O sol, na sua immensa generosidade, beijava apenas a coma das arvores. Em baixo havia frio e sombra permanente.

Jámais alguém tinha visto correr o Carlos pelas ruas do jardim. Cançar-se-ia, dizia a mãe. Esta senhora, como era natural, no meio em que vivia, tornou-se contemplativa e desatou a ler... vidas de santos, indo cair no vicio religioso, como disse certo auctor inguez, fallando de portuguezes.

Abriam-se então as portas da igreja para a excellente senhora, que se fazia acompanh de Carlos. A tranquillidade magestosa do templo encantou obremaneira o misanthropico rapaz e a placida mãe. Em breve ouviam missa todos os dias, confessavam-se todas as semanas e não deixavam escapar pela malha a mais insignificante novena. Um céu aberto.

Revelou-se-se então a grande vocação de Carlos para o sacerdocio. Foi decidido que, findos os preparatorios, entrasse para o seminario d'Angra. Fallaram em Coimbra, mas elle repelliu com horror semelhante proposição. Só a idéa do bulicio academico aterrava-o. Não queria um diploma para caçar uma mitra, queria afastar-se para bem longe do borbório das ambições terrenas. Era um homem que aspirava á absoluta posse de si mesmo, querendo fazer isolado esta longa caminhada, do berço ao sepulchro. Ha quem chame a isto egoismo. Podem chamar-lhe tambem morbidez do coração; mas é certo que se torna uma grande coragem o viajar só por entre os escolhos da existencia, quando vemos quasi todos repartindo o peso da sua cruz, com mulher e filhos, sob o specioso pretexto de os protegerem.

Carlos achava-se com arcaboço para aguentar só a medonha carga da vida. Era um forte ou um covarde? E' o que vamos ver.

Depois de tomar ordens, voltou ao lar paterno na ilha de S. Miguel. E como era rico, apenas se limitou a dizer missa, a prégar gratuitamente sermões doutrinaes e a auxiliar os seus collegas mais atarefados, principalmente na quaresma.

A carreira sacerdotal é ardua hoje em dia e pouco lucrativo na generalidade, quando se quer viver exclusivamente d'ella; mas para um individuo nas condições de Carlos, era uma delicia. Rico e solteiro, amando o isolamento, aborrecer-se-ia, se não tivesse em

O padre Carlos não era pois um clérigo vulgar, d'estes rechonchudos e grosseiros que fazem as delicias dos caricaturistas. A sua figura de asceta, tinha o cunho ideal da distincção ecclesiastica dos tempos idos. Ha trezentos annos atraz, andaria rodeado de cilícios. As suas mãos compridas e brancas eram beijadas com calor pelas beatas. A fronte pallida e juvenil impressionava vivamente o auditorio. Os seus olhos ternos pareciam ignorar as maldades do mundo. Os seus labios finos, não pronunciavam senão palavras suaves.

Em roda do seu confissionario disputavam as raparigas e as velhas para obterem logar. As velhas, porque elle lhes promettia o ceo com uma segurança encantadora.

—Deus é pae de misericórdia. Tem perdão para todo o genero de peccado

—Ah! sr. padre, mas isto é um peccado que Deus Nosso Senhor não perdoará!

—Perdoa, sim, pobre mulher! Basta a sua afflicção, o seu receio, para que Deus se dê por satisfeito com esse castigo moral. Vocemecê peccou por ignorancia, não por maldade...

—Ah! eu nunca tive alma de fazer mal a ninguem!— accudia logo a velha.

—E deve saber que uma das bemaventuranças, é: «Bemaventurados os pobres d'espírito porque d'elles é o reino dos ceos!

—Ah! sr. padre, muito obrigada pela animação que vossa reverendissima me dá. Seja tudo pelo amor de Deus!

E, como Carlos se conservasse hesitante e d'aspeno carregado, ella jogou-se-lhe aos pés, beijando-lh'os e continuando a pedir perdão.

Parecia tão grande a sua dor de o ter offendido, que o Carlos esqueceu a affronta feita ao seu voto, e lembrando-se só de que estava diante d'elle uma enferma d'alma, curvou-se e ergueu-a nos braços, exclamando:

—Pobre menina!

A sua voz tinha a doçura infinita da sua alma tranquilla.

—Então não me quer mal?

—A minha missão é de paz, minha filha. Eu não tenho direito de querer mal a ninguem.

—Ah! falla-me como padre...

Então Carlos, desejando pôr termo a esta penosa situação, respondeu:

—Minha filha, vejo que a sua doença é gravissima. Requeiro uma junta de medicos... espirituaes.

E despediu-se d'ella, caminhando rapido para a sacristia.

A paixão ardente da Ameliasinha pelo joven padre, manifestava-se cada dia mais claramente. Nem ella fazia empenho em occultal-a. Continuava a confessar-se a elle, e o Carlos tudo era dissuadil-a da sua paixão, mas era o mesmo que nada. Elle, contudo, como não estava apaixonado, julgava que a poderia curar com conselhos.

O pae d'Amelia, assim que soube do seu excentrico amor, prohibiu-a de voltar á igreja e fez-lhe o casamento com um negociante idoso e respeitavel, mas endinheirado. O prosaismo em pessoa.

A Amelia resistiu, quiz suicidar-se, mas retirou-se-lhe do alcance da mão todas as caixas de phosphoros. Por fim, declarou ao negociante respeitavel que não podia casar com elle, porque fôra seduzida pelo Carlos.

Era mentira.

Em seguida escreveu ao padre, pedindo-lhe que, uma vez que não queria dar-lhe o seu amor, ao menos desse a sua palavra de honra de não desfazer a mentira, a fim d'ella não ser sacrificada, pois resolvera terminantemente não casar. Se elle não a protegesse n'este lance, precipitava-se da janella e todo o seu sangue recairia sobre a cabeça de Carlos. Declarava mais que fazia da carta segredo de confissão.

Não se calcula o effeito que produziu a noticia da deshonra de Amelia. Todo o rancor solapado que existia nos «officiaes do mesmo officio» e nos invejosos, contra Carlos, foi destapado. Elle defendeu-se com o silencio.

A mãe, espantada, interrogou-o, e elle não disse nada. Declarou o filho indigno e padre devasso e não o quiz ter na sua companhia, e elle

ausentou-se serenamente, calado.

O bispo suspendeu-o do exercicio de missa e mais funcções ecclesiasticas, e elle conformou-se.

Os jornalistas gritaram como possessos e escreveram como doutores, e elle... não leu nenhum jornal.

Na obstante toda esta fleugma, soffria, porque era digno, grande e justo. Soffria, porque embora couraçado pela abnegação, tinha o orgulho de homem, revoltava-se contra aquella desprezível coroa de espinhos com que lhe maceravam a fronte constantemente. A sua organização debil cedeu ao peso esmagador da sua alma de aço, e o involucro humano partiu-se.

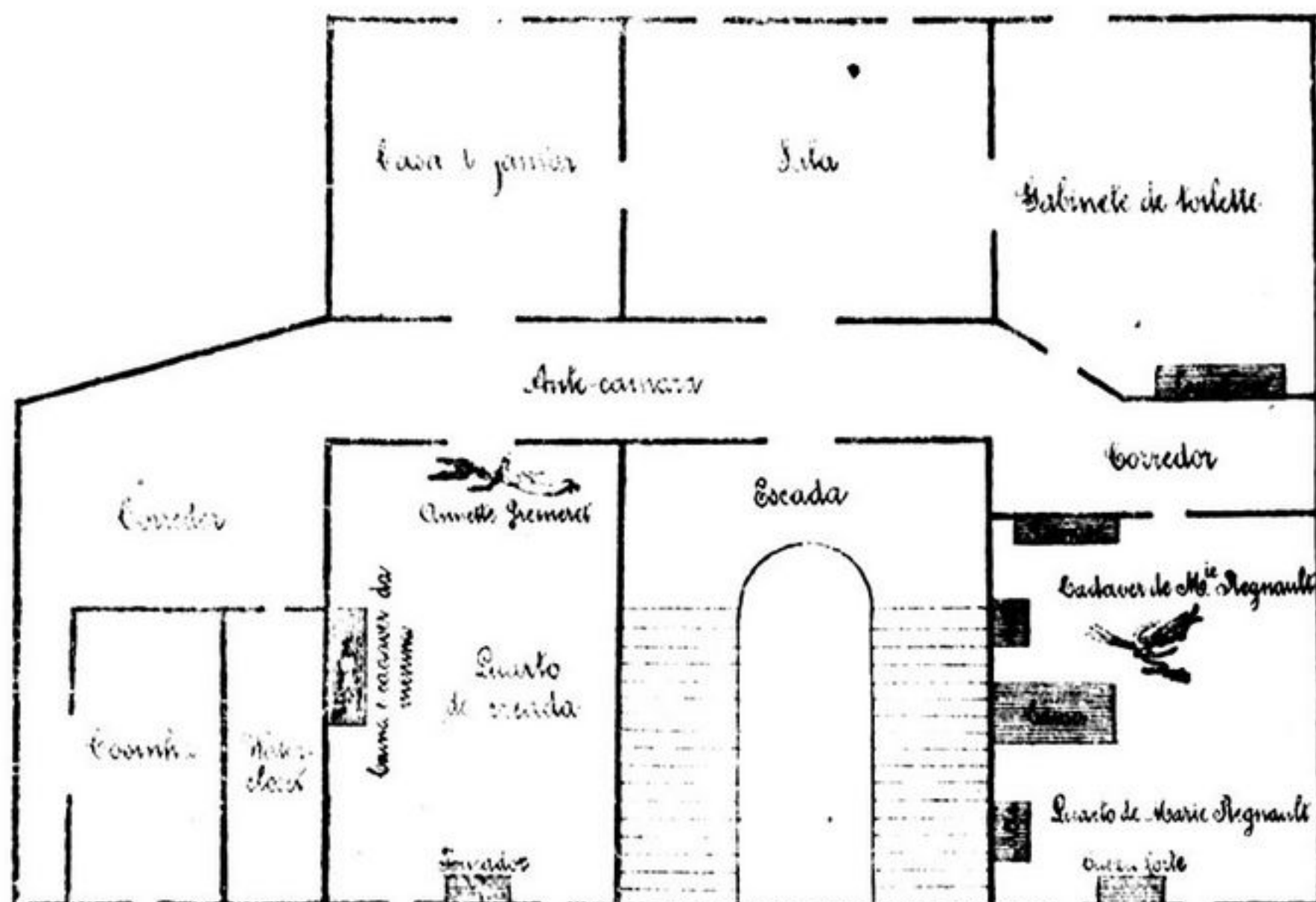
Morreu. Morreu abençoando os seus verdugos.

Nos seus papeis secretos encontrou-se a famosa carta de Amelia, e por ella se conheceu a sua innocencia e a sua grandeza de coração.

Fizeram-lhe então justiça. A mãe, quando soube a verdade e mediu todo o horror da sua conducta com elle, enlouqueceu.

Hoje, vêm-se constantemente duas mulheres na igreja e no cemiterio, na oração mais fervorosa. Uma, ainda nova, conduz pela mão uma velha de cabellos completamente brancos, e olhar fixo, morto, olhar que não se vê. Esta mulher de idade é a mãe de Carlos, que tem a monomania religiosa; a outra, em seu perfeito juizo, mas também morta para a sociedade, é Amelia.

J. SÉ MARIA DA COSTA.



PLANTA DA CASA DA RUA MONTAIGNE

—Amen!—respondia sorrindo finamente o Carlos.

As raparigas adoravam-n'o, porque elle, em vez de lhes lançar o terror no espirito, tinha sorrisos de compaixão pelos seus peccadinhos, ainda os mais escabrosos. E quando, tremendo, pensavam ouvir uma reprimenda medonha, elle apenas pronunciava esta phrase.

—Pobre creança!...

As raparigas sentiam vontade de o abraçar. Uma, de temperamento mais ardente, apaixonou-se devéras por elle. Ia quasi todos os dias á confissão, affectando com summa habilidade um grande zelo religioso. Murmurava-se. O Carlos na sua boa fé, não dava por cousa nenhuma.

Um dia, em que não havia em roda do confissionario mais ninguem, a não ser uma tia quasi idiota á força de beatices, que a acompanhava sempre, a rapariga, apauando a porta do confissionario aberta, ao concluir a confissão fingiu querer oscular a mão de Carlos, e subitamente deitou-lhe os braços em volta do pescoço e desfez-se n'uma explosão de beijos.

O Carlos ia tendo um ataque apopletico. Cór de violeta, ergueu-se indignado para expulsar da igreja a escandalosa penitente; mas ella prostrou-se de joelhos diante d'elle, com as mãos postas, soluçando, a murmurar:

—Perdão! perdão!

Tinha-lhe caído a mantilha de rendas pretas, que lhe tapava a cabeça e o seio admiravel e branco, mais branco ainda pelo contraste do vestido aberto, de seda preta. O corpo bem modelado, elegantissimo, o collo de neve e as feições candidas como uma virgem de Murillo.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica

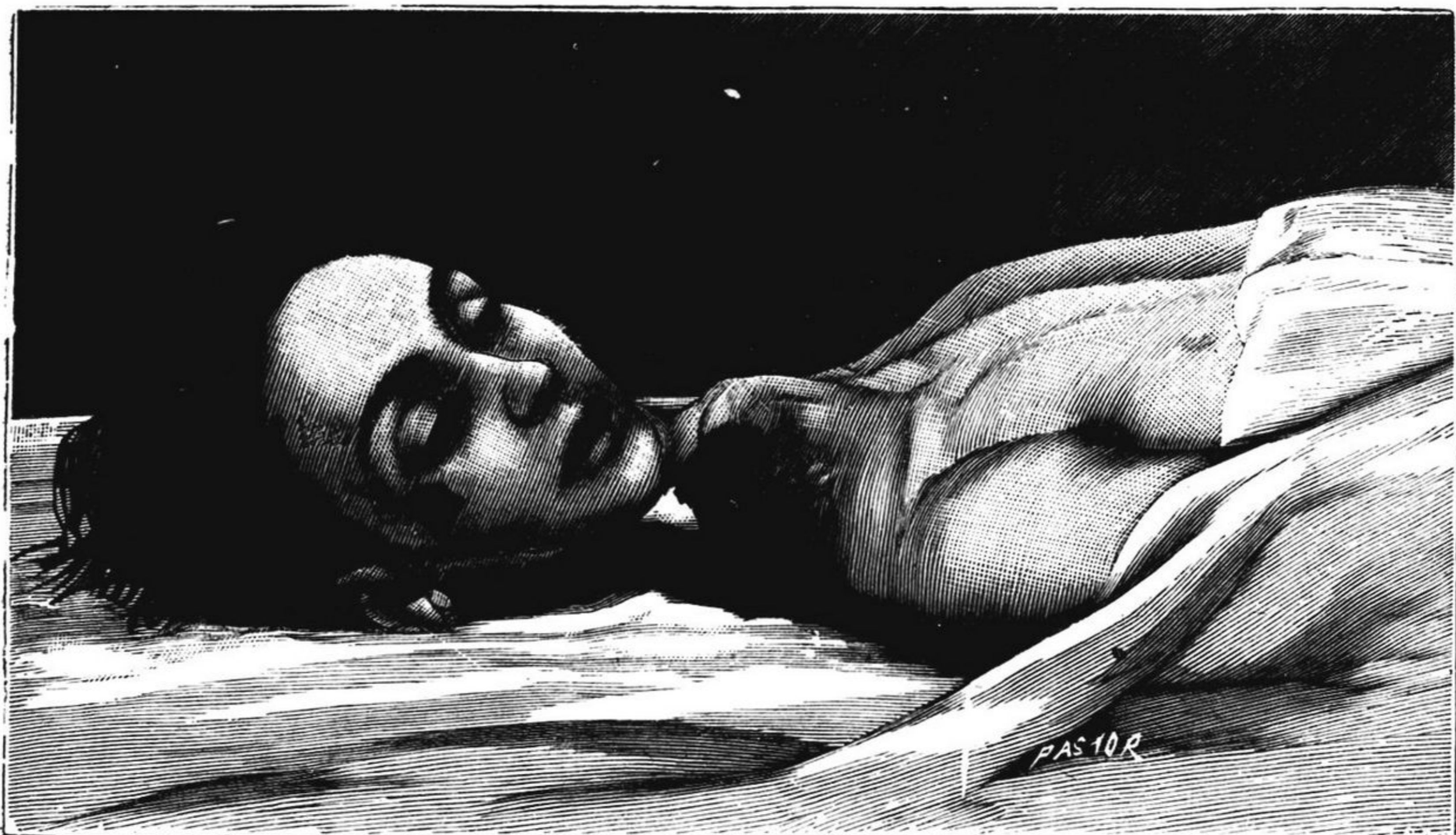
OS TRES CADAVERES DAS VICTIMAS



MARIA REGNAULT



ANNETTE GREMERET



MARIA GREMERET